

A VARIAÇÃO LEXICAL PARA ACESSÓRIO DE CABELO

THE LEXICAL VARIATION FOR HAIR ACCESSORY

Marcela Moura Torres Paim



Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Carina Sampaio Nascimento



Faculdade Batista Brasileira (FBB)

RESUMO

Neste artigo, desenvolveu-se uma investigação lexical, tomando como base dados do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que é um intento de amplitude nacional, na área da Dialectologia e que tem como método a Geolinguística Pluridimensional, que se sustenta em um tripé básico, definido por Cardoso (2010, p. 89), como rede de pontos, informantes e questionários. Selecionou-se uma rede com as localidades do Nordeste brasileiro, utilizou-se uma pergunta, do Questionário Semântico-Lexical – QSL, a 192, “como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo? Mostrar grampo (com pressão)/ramona/misse” (Comitê Nacional, 2001, p. 37). Contou-se com a contribuição de informantes, estratificados, por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. As denominações encontradas, como, por exemplo, *misse*, *grampo*, *birilo*, *friso*, foram avaliadas numa perspectiva geossociocognitiva, revelando as redes radiais com as formas prototípicas e periféricas relacionadas aos nomes atribuídos para o acessório de cabelo pelos falantes.

PALAVRAS-CHAVE

Dialectologia. Linguística Sociocognitiva. Projeto ALiB.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

DATAS:

- Recebido: 07/05/2023
- Aprovado: 18/07/2023
- Publicado: 29/12/2023

COMO CITAR:

NASCIMENTO, . S.; PAIM, . M. T. A. Variação lexical para acessório de cabelo. *Enlaces*, Salvador, [s.d.]. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/enlaces/article/view/1042>. Acesso em: 29 dez. 2023.

ABSTRACT

This article regards a lexical investigation developed based on data from the corpus of the project Linguistic Atlas of Brazil [Atlas Linguístico do Brasil] (ALiB). The latter is a nationwide effort in the area of Dialectology, whose method is

Pluridimensional Geolinguistics, which is based on a basic tripod, defined by Cardoso (2010) as a network of points, informants, and questionnaires. A network with locations in the Brazilian Northeast was selected for this study, which presented the following question from the Semantic-Lexical Questionnaire – QSL, 192, “how do you call the thin metal object used to hold your hair in? Show hairpin or *grampo* (with pressure)/*ramona*/misse” (Comitê Nacional, 2001, p. 37). The informants who contributed were stratified by gender, age group, and level of education. The denominations found, such as misse, grampo, birilo, and friso, were evaluated from a geosociocognitive perspective, revealing the radial networks with the prototypical and peripheral forms related to the names attributed to the hair accessory by the speakers.

KEYWORD

Dialectology. Sociocognitive Linguistics. ALiB Project.

1 INTRODUÇÃO

O léxico que surge no repertório linguístico de um povo oferece pistas sobre aspectos da identidade dos falantes, logo da comunidade em que ele está inserido. Além disso, ele permite o enriquecimento das acepções de um vocábulo a partir da relação entre sociedade e cultura, sendo responsável pela conservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural de um povo.

O estudo sobre o léxico vem contribuindo com diversas pesquisas na área da Dialetoлогия, pois oferece o registro da diversidade lexical de uma comunidade e expressa designações que o indivíduo atribui para nomear a realidade de seu mundo. Nesse sentido, a geolinguística do português falado no Brasil tem se dedicado para alcançar o objetivo central do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no que se refere à realização da descrição da realidade linguística, tendo em vista a pluridimensionalidade.

Este artigo, realizado conforme os pressupostos teóricos-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional e da Linguística Sociocognitiva, configura-se como um recorte da tese de Nascimento (2023), no âmbito do Doutorado, realizado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, com base nas respostas para questão 192 “como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo? Mostrar grampo (com pressão)/ramona/ misse” (Comitê Nacional, 2001, p. 37). Para contextualizar, segue o exemplo 01:

- (01) INQ. – E como se chama um objeto fino de metal que serve para prender o cabelo?
INF. – Misse.
INQ. – Chama por outro nome?
INF. – Só me lembro de misse. Misse de botar no cabelo.
(Euclides da Cunha, homem, nível fundamental, faixa 2).

O informante idoso, da cidade de Euclides da Cunha, compreende o vocábulo misse, de acordo com a descrição realizada no QSL, o que mostra que

“os significados não são entidades fixas e perfeitamente determináveis, mas processos flexíveis”. (Almeida, 2016, p. 26). Pode-se observar também que essa é a experiência obtida, por meio das relações sociais que levaram ao uso de “misse”. Essa denominação permite chegar na resposta à pergunta 192 do QSL, o qual o falante aciona a parte pelo todo, que corresponde a metonímia da marca do produto. Pretende-se, a partir da análise dos dados, compreender os aspectos sociais, culturais e históricos que se relacionam com as realizações lexicais.

As motivações desta pesquisa surgem devido à produtividade lexical para designação dos referidos itens em estudo, revelando uma forma de expressão de uma época, de tendências de moda, que podem ajudar a entender o ser humano e a sua relação com a sociedade. Segundo Lipovetsky (2009, p. 24-25), “[...] a moda é formação essencialmente sócio-histórica, circunscrita a um tipo de sociedade”. Afinal, o traje e o acessório revelam uma identidade de um indivíduo e de uma civilização e carregam traços de uma geração nas suas vestimentas, adereços e produtos.

A relevância desta pesquisa se justifica pela necessidade de estudos sobre a variação linguística, com base no léxico, buscando dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos por Paim (2012), pois há a compreensão de que investigações em outras áreas, ou ainda, com outros enfoques, são de fundamental importância para o registro da atual dialeção do português falado no Brasil. Pretende-se, também, contribuir com as análises do corpus do Projeto ALiB nas cidades do interior do Brasil, pois, a partir desses dados, é possível fazer um panorama linguístico, no que concerne ao léxico, pertencente à área semântica vestuário e acessórios, da região Nordeste, mais completo.

O presente artigo está dividido em seis seções. A primeira corresponde às considerações iniciais. A segunda faz uma revisão de literatura que deu sustentação à pesquisa. Nesse caso, a Dialectologia é apresentada, como a ciência principal deste trabalho, a Geolinguística, como seu método por excelência, e a

Linguística Sociocognitiva que dialoga com a Dialetoologia na estruturação dos dados encontrados. Na seção 3, os aspectos históricos no campo dos adornos de cabelo são abordados. Na seção 4, a metodologia utilizada para o tratamento dos dados é apresentada. Na seção 5, as análises feitas são expostas. Por fim, na última parte do texto, são feitas as considerações finais para o trabalho executado.

2 A DIALETOLOGIA E A LINGUÍSTICA SOCIOCOGNITIVA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

A Dialetoologia e a Linguística Sociocognitiva formam uma teia de conexões com o intuito de reforçar a transdisciplinaridade que compete aos estudos linguísticos.

A Dialetoologia mostra-se de forma interdisciplinar, pois, por sua origem, ela estabelece um intercâmbio linguístico mútuo na busca por explicações/soluções na articulação com outras disciplinas. Assim, o conceito de interdisciplinaridade pode ser compreendido como a relação estabelecida entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento, o que pode convergir em algum momento com o conceito de multidisciplinaridade, que, conforme Santos (1995), é concebida como vários pontos de vista para um mesmo objeto de estudo, isto é, tem-se um objeto avaliado de diferentes perspectivas para se entender as condições e as motivações sob as quais ocorreu/ocorre. Contudo, a interdisciplinaridade atribuída à Dialetoologia está em sua origem, pois se apropria, em parte, de conhecimentos da Geografia e da sócio-história, para explicar as denominações investigadas.

A necessidade de abordar o aspecto interdisciplinar da Dialetoologia surge, necessariamente, do diálogo que ela realiza, também, com a Sociolinguística, que, por sua vez, a complementa, trazendo fatores sociais para explicar os fenômenos

linguísticos que se observam. De acordo com Cardoso (2016, p. 28), a união entre a Dialetoologia e a Sociolinguística é produto das exigências que a Geolinguística Pluridimensional revela. Afinal, não se pode deixar de avaliar os aspectos espaciais de uma língua sem considerar os fatores sociais que os circundam. Isso, também, pode ser visualizado com a Linguística Sociocognitiva.

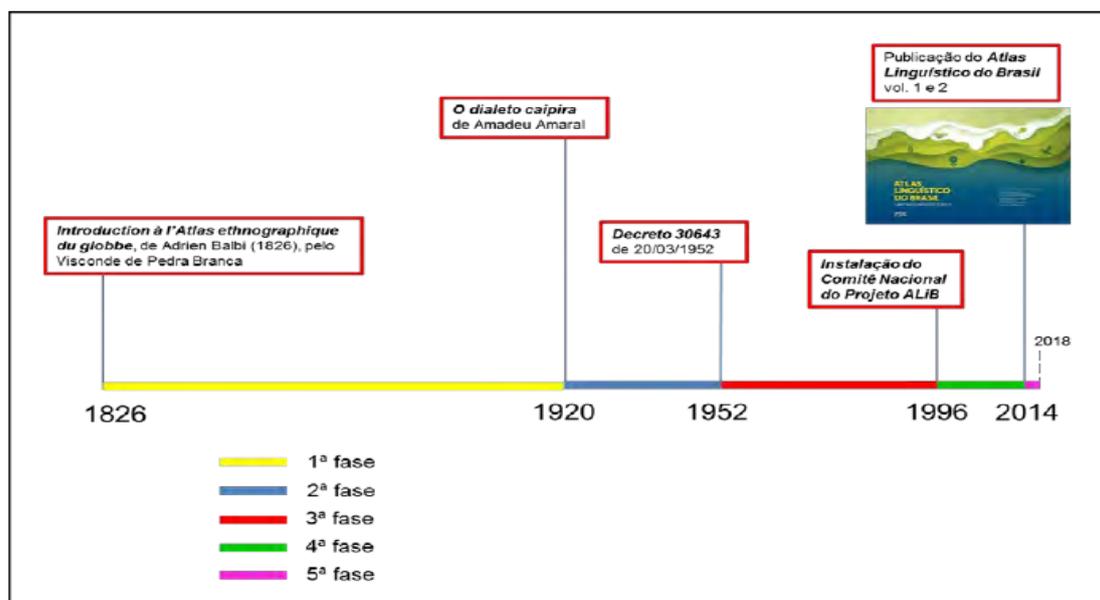
A ciência que investiga a língua falada de uma comunidade reunida em uma determinada região geográfica é chamada de Dialetoologia. Desse modo, ela se ocupa em descrever a diversidade de usos linguísticos, que podem apresentar diferentes maneiras/modos para aludir a um mesmo referente, tendo como parâmetro a localização espacial em que o fenômeno em variação ocorre, como, por exemplo, *misse*, *birilo* ou *friso* para designar o *objeto fino de metal que serve para prender o cabelo*.

A Dialetoologia, que surge no século XIX, é, conforme Coseriu (1982), a ciência da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto desprovida de estigmatização. A Dialetoologia tradicional, em um conceito antigo, busca delimitar fronteiras geográficas dos usos linguísticos: “porque neles espera-se encontrar variedades ‘mais puras’ de linguagem, isto é, formas vernaculares mais antigas e tradicionais, não contaminadas pelo contato com outras variedades.”¹ (Silva-Corvalán, 1988, p. 9).

A Dialetoologia, no Brasil, é marcada por diferentes fases que contribuíram para o avanço de pesquisas e desenvolvimento de estudos geolinguísticos. A proposta mais recente de divisão da história dialetal é apresentada por Teles (2018), cujas fases podem ser observadas na Figura 1.

¹ pues en ellos se ha esperado encontrar variedades "más puras" de lengua, es decir, formas vernáculas más antiguas y tradicionales, no contaminadas por el contato con otras variedades.

Figura 1 – Fases da Dialectologia no Brasil, conforme Teles (2018)



Fonte: Teles (2018).

Teles (2018) reafirma as quatro fases, já comentadas por Mota; Cardoso (2006), e propõe a definição de uma nova fase aos estudos dialetais no Brasil, a quinta. Para a autora, essa fase começa com a publicação dos dois primeiros volumes do ALiB, em 2014, e segue até os dias atuais. Sua principal característica é, sem dúvida, os inúmeros trabalhos que têm sido produzidos a partir do conteúdo do atlas, que é de grande magnitude, por sua extensão alcançada e por seu caráter interinstitucional. A referida pesquisadora, também, destaca os avanços em cartografia automatizada como um dos elementos que melhor definem essa fase.

O método em que a Dialectologia se ampara para buscar validar e exibir os dados linguísticos observados denomina-se Geolinguística. Através desse método, o dado linguístico é apresentado em mapas ou em um conjunto deles, os atlas, com o intuito de verificar sua espacialização, bem como suas características.

Como expõe Cardoso (2010, p. 89), a Geolinguística se fundamenta num tripé configurado da seguinte forma:

- a) Questionário – conjunto de perguntas aplicadas nos entrevistados, que devem ser planejadas conforme os propósitos do pesquisador.
- b) Informantes – são os entrevistados que dão os dados com a competência e a propriedade de quem os usa.
- c) Rede de pontos – corresponde à área geográfica a ser estudada.

Nesse sentido, para analisar o dado linguístico, é necessário construir o questionário com perguntas, de acordo com os propósitos do pesquisador, realizar a seleção dos participantes da investigação, conforme o perfil almejado, num determinado espaço geográfico estudado. Um dos aspectos de suma importância na aplicação do método geolinguístico é a preparação do inquiridor que engloba o entendimento do questionário e de toda técnica envolvida na coleta de dados para que o trabalho seja coeso. Nessa perspectiva, o entrevistador precisa estar treinado para os contextos adversos que possam surgir no contexto da pesquisa de campo.

A importância de relacionar os itens lexicais investigados neste artigo, com alguns princípios que estruturam os estudos sociocognitivos está, justamente, na construção de sentidos dada pelos informantes do Projeto ALiB como respostas para a pergunta, tendo em vista os contextos em que foram registradas.

Levando em consideração o corpus do Projeto ALiB, constituído a partir da aplicação de questionários junto a informantes de todo Brasil, com questões que objetivavam documentar a utilização da língua desses falantes no cotidiano, inseridos em espaços e comunidades distintos, objetiva-se analisar os usos linguísticos em sua concretude, o que implica compreendê-la enquanto sistema dinâmico e complexo, marcada pela correlação entre fatores sociais e cognitivos. Ao justificar sua visão sociocognitiva da língua, Silva (2012) faz referência à heterogeneidade linguística

(...) com a noção de sistema dinâmico complexo e mostrando que a variação letal (termo genérico para designar qualquer tipo de variação de uma língua: dialetos, variedades nacionais, socioletos, registros, estilos, idioletos) é uma parte integrante de um modelo linguístico baseado no uso. Tanto a língua como sistema dinâmico complexo como a sua inevitável variação letal integram e correlacionam fatores sociais e fatores cognitivos, justamente porque uma língua é tanto uma realidade social quanto uma realidade cognitiva. Um modelo linguístico baseado no uso deverá dar conta da interação dos aspectos cognitivos e dos aspectos sociais dos fenômenos linguísticos. (Silva, 2012, p.15).

Realizar o estudo da ocorrência da língua em uso, portanto, implica levar em consideração a variação linguística correlacionada aos significados nela observados, e o sistema conceitual humano, como expõe Lakoff (1990, p. 206), advém da experiência do homem, visto que surge por meio do corpo, não existindo relação direta entre a linguagem humana e o mundo como se ele existisse fora dessa experiência. Dessa forma, as respostas dadas pelos informantes ao ouvirem a pergunta “Como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo?” são compreendidas como a maneira pela qual eles conceitualizam e categorizam os acessórios, sendo tais processos cognitivos permeados por suas experiências, o que propicia a construção do significado pelos indivíduos.

No que se refere aos dados do Rio Grande do Norte, a informante da faixa etária 1 de Caicó faz uma referência ao fato de *friso* ser um acessório usado por pessoas idosas, como mostra o trecho da entrevista:

- (02) INQ. – Como se chama um objeto fino de metal que as mulheres usam para prender o cabelo?
INF. – Friso, quem usa é pessoa idosa.
(Caicó, mulher, nível fundamental, faixa 1).

No que diz respeito aos dados de Pernambuco, a informante da faixa etária 2, de nível universitário, de Recife, faz uma referência ao fato de *birilo* ser uma

variante relacionada ao aspecto diageracional, conforme revela o trecho da entrevista:

- (03) INQ. – Como se chama um objeto fino de metal que as mulheres usam para prender o cabelo?
INF. – Birilo.
INQ. – Conhece por outro nome?
INF. – Grampo, jovem fala grampo, velho fala birilo.
(Recife, mulher, nível universitário, faixa 2).

Dois informantes da Bahia apresentaram, espontaneamente, uma informação de caráter diageracional:

- (04) INQ. – Como se chama um objeto fino de metal que as mulheres usam para prender o cabelo?
INF. – Grampo.
INQ. – Chama por outro nome?
INF. – Misse se falava antes.
(Salvador, mulher, nível universitário, faixa 2).

- (05) INQ. – Como se chama um objeto fino de metal que as mulheres usam para prender o cabelo?
INF. – Misse.
INQ. – Chama por outro nome?
INF. – Grampo se falava antes, misse se falava antes, grampo se usa hoje.
(Santa Cruz Cabrália, mulher, nível fundamental, faixa 2).

Logo, consideram-se, no processo de atribuição de nomes aos itens que designam acessórios, ocorrências sociais, as quais permeiam a utilização, os modelos e as significações de cada item por seus usuários, o que, conseqüentemente, revelam nas nomeações variadas que os informantes atribuem a cada um dos acessórios, pois os textos, ao mesmo tempo em que constituem as representações mentais dos falantes, são por elas formados, no curso das interações sociais, que são também caracterizadas pela diversidade.

3 OS ASPECTOS HISTÓRICOS NO CAMPO DOS ADORNOS DE CABELO

Desde a Antiguidade, os cabelos e os penteados são uma expressão de *status* social, idade, gênero e crenças. Pode-se afirmar que, ao longo da história, os adornos serviram de instrumento para o indivíduo se diferenciar do outro, principalmente, por meio do penteado.

A partir de 1760, os penteados começam a ser produzidos de forma diferente, na época da *fontange*, os cabelos eram presos de forma baixa, posteriormente, os penteados se elevam e ganham notoriedade nos anos de 1770. Conforme Laver (1989), George Colman descreve o penteado da época:

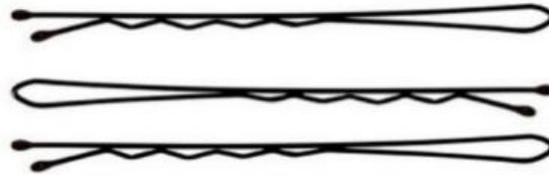
Um topete altíssimo puxado a partir da raiz dos cabelos e esticado sobre uma **almofada** no alto da cabeça formava um centro de construção; fileiras de cachos dos lados; um chinó dependurado atrás defendia seu occipício como um contraforte; e toda a estrutura era mantida no lugar e à prova d'água por um grande número de **longos alfinetes simples e duplos**. (Random Records, 1770 *apud* Laver, 1989, p. 140, grifo nosso).

Os denominados “alfinetes duplos” é o que se chama de “grampos de cabelo”, os quais entram no novo estilo da corte francesa junto com a “almofada” uma espécie de travesseirinho de fibra, lã ou crina de cavalo e, como causava dores de cabeça, pelo peso, o arame ganhou um substituto para prender o cabelo, mas o “alfinete duplo” continua nos penteados das mulheres francesas até a atualidade (Laver, 1989).

Os grampos se popularizam, em meados de 1900, mas não sofreram grandes mudanças no seu formato. Foram produzidos, inicialmente de forma como espinha de animal e espinho de plantas, eram feitos com vários materiais, como marfim, bronze e madeira entalhada. As civilizações antigas soterradas da Ásia produziram muitos grampos de cabelo de osso, ferro, bronze, prata e ouro. Eram produzidos com formato achatados, alguns decorados, mas todos eles mostram que a forma do grampo continuou a mesma por 10 000 anos.

Esse acessório fino que serve para prender o cabelo pode ser visualizado na figura 2.

Figura 2 - Objeto fino, de metal, para prender o cabelo



Fonte: macrovirtual.com.br.

Com o tempo, o acessório foi modificando a sua estrutura para forma de “u”. No século XIX, começou a ser produzido em grande escala e com tons diferentes e adornos presentes, tornando-se item indispensável na produção de penteados e versatilidade para prender o cabelo, não mais para esconder, mas, para pôr em relevo, passou a customização com pedras, contas e objetos diversos, modificando o objetivo do uso que a consumidora tem em relação ao item. (LIMA, et al., 2016).

Nesse contexto, o informante jovem fala *presilha* se referindo à pergunta da questão 192; além disso, a compara com denominação para o objeto de pesquisa, identifica que as pessoas de outra geração falam *birilo*.

(06) INQ. – E esse objeto aqui que serve para segurar os cabelos? Como se chama esse?

INF. – Eh...uma *presilha*, né? Tem gente... eh...essas pessoas mais velhas, como meu avô, fala *birilo*.

INQ. – Seu avô, né? Fala *bi...*

INF. – *Birilo*.

INQ. – E... mas você chama como?

INF. – Eu falo *presilha*, porque prende cabelo quase igual, né?
(Arapiraca, mulher, nível fundamental, faixa 1).

Assim, como observado no exemplo exposto, *birilo* faz parte do vocabulário de muitos informantes. Na elaboração de informações referenciais a respeito desta lexia, contextos favorecem a composição das denominações, que são organizadas a partir de experiências que os utentes possuem em relação ao objeto fino de metal que prende o cabelo. Verificou-se, em Aulete (2006), que a acepção do item lexical *birilo* ou *biliro* não foi encontrada, no entanto, ao pesquisar *birilo*, há a seguinte acepção para esta denominação, como: “um mineral hexagonal, silicato de alumínio e berílio, cujas variedades coloridas podem constituir gemas preciosas (esmeralda, água-marinha etc.)” (AULETE, 2006). Segundo Laver (1989), os “grampos” passaram a ter uma pedra em cima, o que permite inferir que pode ter uma motivação para o uso do nome *birilo* devido à referida pedra.

4 METODOLOGIA UTILIZADA PARA O TRATAMENTO DOS DADOS

O estudo analisa os dados do Projeto ALiB, o qual possui sede na Universidade Federal da Bahia, além de contemplar outras instituições. A rede de pontos do ALiB é constituída por 250 localidades, seguindo critérios demográficos, históricos e culturais, cujos dados foram coletados *in loco*, por uma equipe composta de cerca de trinta inquiridores, selecionados pelo Comitê do Projeto, que teve, de 1996 a 2018, como presidente e como diretora executiva, respectivamente, as professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota.²

² Atualmente, o Comitê é constituído por Jacyra Andrade Mota, Diretora Presidente - Universidade Federal da Bahia; Silvana Soares Costa Ribeiro, Diretora Executiva - Universidade Federal da Bahia - e pelos Diretores Científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará); Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo Ramos (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina); Marcela Moura Torres Paim (Universidade Federal Rural de Pernambuco/Universidade Federal da Bahia); Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba);

Os questionários linguísticos foram utilizados como instrumento de coleta de dados por membros do Comitê Nacional, levando-se em conta, na sua elaboração, os questionários dos atlas regionais já publicados, bem como o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e Galiza*. Apresenta-se composto pelo Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Semântico-Lexical (QSL) e Questionário Morfossintático (QMS), acrescentando-se questões referentes à pragmática, temas para discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e texto para leitura.

A pergunta 192, que é foco deste artigo, pertence ao campo semântico *vestuários e acessórios* do Questionário Semântico Lexical – QSL, que consta no Questionário ALiB 2001 (Comitê Nacional 2001, p. 37), está nos registros das gravações de 348 informantes das capitais e municípios do Nordeste, organizados por faixa etária, sexo e escolaridade, variáveis sociais controladas pelo ALiB da seguinte maneira:

- a) faixa etária: a faixa I agrega informantes cuja idade se encontra entre 18 e 30 anos, ao passo que a faixa II incorpora sujeitos entre 50 e 65 anos;
- b) sexo: consideram-se homens e mulheres;
- c) escolaridade: há quatro indivíduos de nível universitário (somente para as capitais) e quatro indivíduos de nível fundamental incompleto.

A pesquisa pauta-se no método qualitativo e quantitativo, levando em conta aspectos subjetivos, o qual visa observar o falante em suas relações sociais. Sendo assim, o estudo segue os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, agregando ao método Geolinguístico as variáveis estudadas pela Sociolinguística.

Marilúcia Barros de Oliveira (Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul); Valter Pereira Romano (Universidade Federal de Santa Catarina); Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).

5 ANÁLISE DOS DADOS

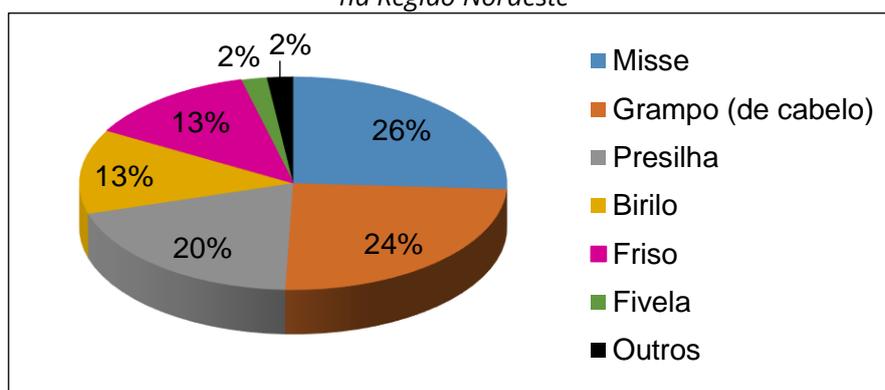
As análises dos dados partem das respostas cedidas pelos informantes da Região Nordeste para a questão 192, “como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo?”

Com base no resultado do *corpus* sobre as designações mais frequentes para a pergunta 192: “como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo?” (Comitê Nacional, 2001), referente à Região Nordeste, as lexias *misse* e *grampo (de cabelo)* concorrem na região de estudo, perfazendo um total de 26%, 90 de 341 dos dados para a lexia *misse* e 24%, 83 de 341 ocorrências para o item lexical *grampo (de cabelo)*, em seguida, a *presilha* com 20%, com 67 de 341 dos dados.

O vocábulo *birilo/biliro* representa 13%, ou seja, 46 ocorrências, concentrando-se nas regiões da Paraíba, Pernambuco e Alagoas. *Friso* concorre com *birilo/biliro*, perfazendo o total de 13%, o que corresponde à 45 ocorrências. O item lexical *fivela* traz o total de 2%, 5 ocorrências, e a categorizada como *outros*, que se refere às lexias agrupadas no programa estatístico: *pregador*, *pegador* e *cigarra*, tem o percentual de 2%.

Com base na produtividade de denominações para esse referente, o gráfico 1 traz uma síntese da tabela apresentada, levando em conta as denominações de maior produtividade na Região Nordeste.

Gráfico 1 – Distribuição geral dos dados para um objeto fino de metal que serve para prender o cabelo na Região Nordeste



Fonte: XXX (XXX, p. 138).

A tabela 1 mostra a produtividade em valor absoluto das variantes estudadas na Região Nordeste.

Tabela 1 – Produtividade das variantes para um objeto fino de metal para prender o cabelo na Região Nordeste

	Misse	Grampo	Presilha	Birilo	Friso	Fivela	Outros
Maranhão	0	18	22	0	0	0	0
Piauí	4	8	9	0	0	2	0
Ceará	1	25	23	0	0	2	1
Rio G. Norte	0	0	0	1	21	0	0
Paraíba	0	0	1	1	23	1	1
Pernambuco	8	3	0	37	1	0	3
Alagoas	0	4	9	35	0	0	0
Sergipe	14	2	0	0	0	0	0
Bahia	63	23	3	0	0	0	0
Total	90	83	67	46	45	5	5

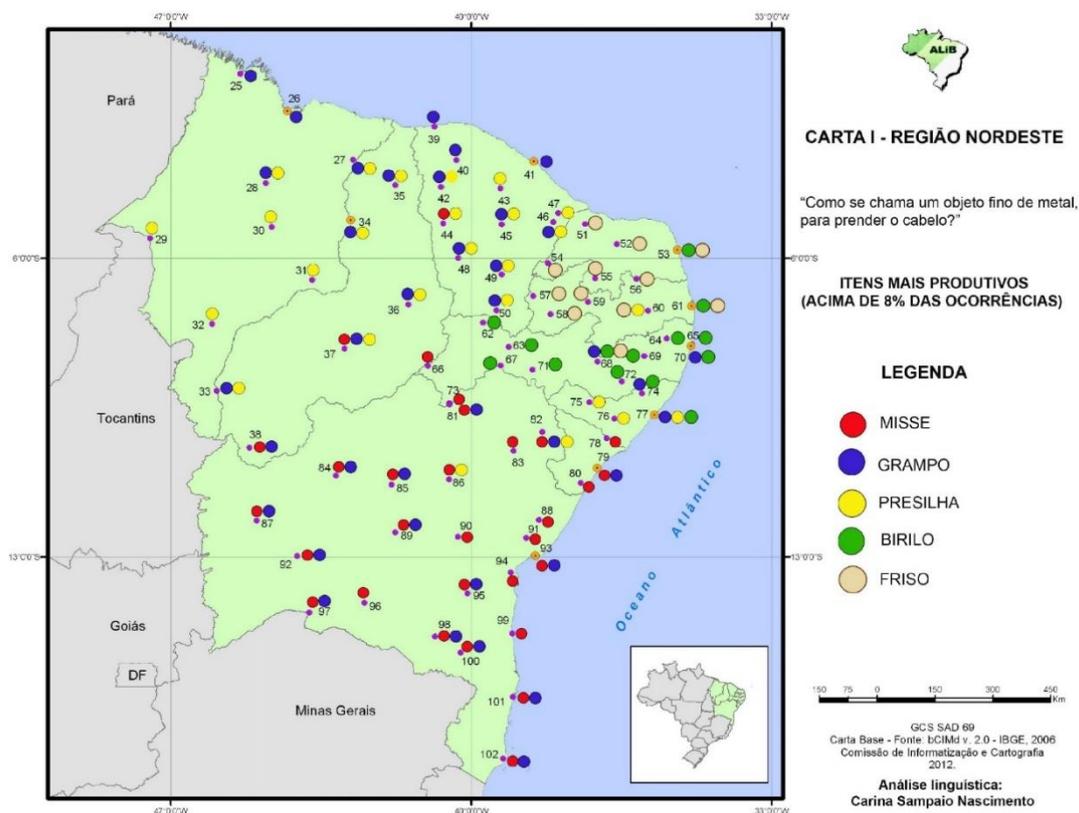
Fonte: XXX (XXX, p. 140).

A seguir, a Carta I mostra a distribuição diatópica das denominações para a questão 192 do QSL da Região Nordeste. Com ênfase na Geolinguística, cujo objetivo é a cartografia de dados linguísticos distribuídos, especialmente, para, posteriormente, relacionar os estudos geossociolinguísticos e de natureza

sociocognitiva nas denominações para o objeto fino de metal para prender o cabelo.

A análise linguística da cartografia foi elaborada pelas autoras deste artigo e a edição, como já mencionado na seção de metodologia, foi realizada pela professora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e integrante da Equipe Regional Bahia, Amanda Reis, tendo como apoio a carta base feita pela saudosa Professora Ana Regina Telles e disponibilizada pelo Projeto ALiB.

Figura 3 – Carta I – objeto fino de metal para prender o cabelo – Nordeste – itens mais produtivos



Fonte: XXX (XXX, p. 159).

A carta linguística I, que trata das denominações mais produtivas, ilustra a distribuição espacial das respostas dadas pelos informantes da região Nordeste à pergunta 192 do QSL - Projeto ALiB: "Como se chama um objeto fino de metal para prender o cabelo?". Percebe-se que a variante *misse*, representada como a mais produtiva na carta, é registrada na maior parte dos estados nordestinos, estando

presente em Canto do Buriti e Corrente, pontos 37 e 38, do estado do Piauí, próximos ao estado da Bahia, em que essa denominação ocorre fortemente. Em Crateús, no ponto 44, no Ceará, próximo ao oeste de Pernambuco, estado em que *misse*, também, está presente, nas localidades de Afrânio e Petrolina, pontos 66 e 73. Nas três cidades de Sergipe, Propriá, Aracaju e Estância, localidades 78, 79 e 80, próximas ao estado da Bahia, onde a denominação *misse* predomina, do ponto 82 ao 102, Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabrália e Caravelas.

Grampo, representado na carta, é registrado nos seguintes estados: Maranhão (em Turiaçu, em São Luís, em Brejo, em Bacabal e em Alto Parnaíba), Piauí (Teresina, Piripiri, Picos, Canto do Buriti e Corrente) e Ceará (Camocim, Sobral, Fortaleza, Ipu, Crateús, Quixeramobim, Russas, Tauá, Iguatu e Crato).

A denominação *presilha* está presente em dados de falantes do Maranhão (em Bacabal, em Imperatriz, em Tuntum, em São João dos Patos, em Balsas e em Alto Parnaíba), do Piauí (em Teresina, em Piripiri, em Picos e em Canto do Buriti).

A variante *birilo* é registrada em quatro estados nordestinos, Rio Grande do Norte (em Natal), Paraíba (em João Pessoa), Pernambuco (em Exu, em Salgueiro, em Limoeiro, em Olinda, em Cabrobó, em Arcoverde, em Caruaru, em Recife, em Floresta e em Garanhuns) e em Alagoas (em União dos Palmares e em Maceió). A proximidade desses quatro estados nordestinos pode explicar o uso majoritário de *birilo* nessas cidades, já que a tendência de haver uma interpenetração entre as normas linguísticas utilizadas pelos falantes desses estados é maior.

Friso, a última variante registrada na carta, está presente, assim como *birilo* em três estados próximos: Rio Grande do Norte (em Mossoró, em Angicos, em Natal, Pau dos Forros e em Caicó), Paraíba (em Cuité, em Cajazeiras, em

Itaporanga, em Patos, em Campina Grande e em João Pessoa) e em Pernambuco (em Arcoverde).

Retomando os dados quanto à frequência que aparecem em toda a pesquisa, bem como a ordem de apresentação das lexias pelos informantes, constata-se que as designações *misse* e *grampo* são as mais utilizadas pelos participantes, em todos os critérios elencados para análise das ocorrências, como respostas à questão 192 do QSL- ALiB. Esta constatação categoriza as lexias supracitadas como elementos prototípicos ao se considerarem as designações para o objeto fino de metal que serve para prender o cabelo. A partir disso, seguindo os parâmetros da linguística sociocognitiva, é possível fazer a rede radial das lexias registradas para as perguntas em análise, na qual é possível esquematizar os termos utilizados pelos sujeitos participantes da pesquisa desenvolvida pelo Projeto ALiB, visualizando-se as formas prototípicas e periféricas relacionadas aos nomes atribuídos para o objeto fino de metal pelos falantes.

Para a construção da rede radial, toma-se o discurso das respostas únicas. Sendo assim, entende-se que a escolha do informante demonstra a forma como ele categoriza e conceptualiza o item lexical, dessa maneira compreende como protótipo devido às experiências dos falantes compartilhadas nos inquéritos e que são determinados pelas estruturas mentais.

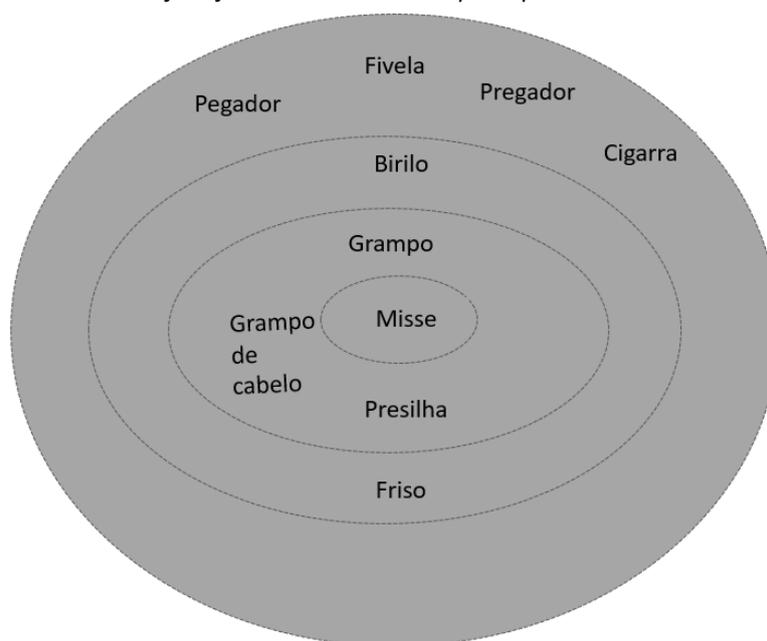
Aliado a frequência do item lexical escolhido pelo informante como primeira resposta e resposta única, também, foi analisado o discurso para entender se existia a segunda resposta, levando em consideração a relação das escolhas do ponto de vista diatópico, diastrático, diacrônico, já que o informante realiza a sua escolha com base na vida social e cultural.

A designação prototípica, ou seja, a mais recorrente nas respostas dos informantes para a questão que foi base para o presente estudo é alocada no raio central da rede. As demais lexias informadas para os questionamentos são

distribuídas, de forma que quanto mais distante do raio central, maior o caráter periférico da designação.

Com base em Lakoff (1989), segue a rede radial desenvolvida a partir das lexias informadas para o objeto fino de metal usado para prender o cabelo por informantes da Regiões Nordeste.

Figura 4 – Rede radial do objeto fino de metal usado para prender o cabelo na Região Nordeste



Fonte: Elaborada pelas autoras, a partir de dados da pesquisa, com base nas redes radiais de Lakoff (1981).

Os resultados mostram como as categorias são fluidas e estão em conexão com a dimensão espacial e em plena diversidade. Os dados apresentados justificam a posição das lexias *grampo (de cabelo)*, *presilha*, *birilo* e *friso* na rede radial referente às designações dadas como resposta à questão 192 do QSL-ALiB, muito próximas ao protótipo *misse*. *Grampo (de cabelo)*, *presilha*, *birilo* e *friso* aparecem logo após a lexia *misse* em número de ocorrências, além de terem sido registradas na maior parte da Região Nordeste. Vale ressaltar que a lexia *fivela* não tem uso considerável pelos falantes, sendo a sexta designação em número de ocorrências, aparecendo nos dados de três dos nove estados do Nordeste do Brasil (Piauí (Teresina e Piri-piri), Ceará (Fortaleza) e Paraíba (João Pessoa)).

As lexias *pregador*, *cigarra* e *pegador*, apesar de serem menos em número de ocorrências, são registradas em todos os estados do nordeste brasileiro, produtiva entre os falantes da região, portanto, o que explica a posição e a relevância desta lexia na rede radial dos itens relacionados ao objeto fino de metal que serve para prender o cabelo. Entende-se que as lexias para *pregador* e *pegador* se constituem na relação de um Modelo Cognitivo relacionado com a ideia de colocar algo em algum lugar, o que determina o uso destas lexias a partir das experiências corpóreas-socioculturais do falante, assim ele aciona os frames para o uso a partir da organização dos pensamentos e por meio de sua conceptualização.

De acordo com o contexto, tem-se, no exemplo (07), um informante homem de Mossoró, que conhece, apenas, esse registro na cidade dele:

(07) INQ. – E esse objeto que vamos mostrar?

INF. – *Frise*.

INQ. – Tem outros nomes?

INF. – Não. Só vejo mais chamar de *frise*.

INQ. – Ok.

(Mossoró, homem, nível fundamental, faixa 1).

Apesar de ter sido questionado em relação a outras denominações, o informante afirma não conhecer outras variantes lexicais estudadas neste artigo. Ele afirma só conhecer “*frise*”, que se assemelha a *friso*. O utente relaciona às acepções já existentes, desta forma se constituem os frames falas, as lexias, as classificações.

A lexia *friso* demonstra o uso do processo cognitivo da metonímia, em que forma se refere ao produto, a forma do “grampo” é encrespado e nos permite a ter esta relação metonímica.

O item lexical *ramona* está presente, apenas, nos dicionários Aulete (2006) e Houaiss (2015), com acepções: “grampo de metal para prender o cabelo; camburão da polícia; veículo para o transporte de presos”.

Os dicionários, ao descreverem as definições, possibilitam a compreensão polissêmica daquele item lexical, além de aproximar o consulente de outros significados. É explicitado, em Aulete (2006), que o vocábulo *ramona* é uma das marcas do grampo, nesse sentido o esquema PARTE/TODO, fundamenta uma relação metonímica entre as pessoas e o grampo.

Assim, ao observar o exemplo do informante (08), considerou-se que diz respeito à aceção referente à descrição da pergunta do QSL.

(08) INQ. – E um objeto fino de metal para prender o cabelo, tipo assim?

INF. – A ramona. Antigamente, prendedor de cabelo, os mais antigos, velhos mesmos diziam esse aqui é ramona, os italianos.

(Erechim, homem, nível fundamental, faixa 2).

Além disso, o contexto expressa um dado que pode ajudar na relação com os dados de pesquisa, já que pode ser um empréstimo devido à imigração italiana.

A análise das designações informadas pelos participantes da pesquisa no tocante à frequência também atrelada à ordem de apresentação das lexias suscita conceitos relacionados aos estudos linguístico-cognitivos como categorização e protótipo.

O conjunto de experiência do falante permite escolher o item lexical, por exemplo, *ramona*, relacionada à marca do “objeto fino de metal que serve para prender o cabelo”, pois este, segundo Aulete (2006), é uma das marcas do grampo. Sendo assim, em algum momento da história daquela comunidade, concebeu-se, nessa nomeação apoiada em metonímia, por exemplo, entendendo-o como recurso cognitivo utilizado com frequência pelo falante.

Além disso, em Portugal, significa camburão, fazendo, assim, uma alusão ao ato de prender. Entende-se que, na região Sul, existem muitos imigrantes, isso pode ter sido uma justificativa para o uso. Outra motivação para o uso da palavra

ramona se associa à sua etimologia que procede do nome próprio Ramón em Espanhol, segundo o dicionário etimológico Educalingo, “La palabra **ramona** procede del nombre propio Ramona” comum como nome próprio na Espanha e como sobrenome na Itália.

Retomando os dados quanto à frequência que aparecem em toda a pesquisa, bem como a ordem de apresentação das lexias pelos informantes, constata-se que as designações *misse* e *grampo* são as mais utilizadas pelos participantes, em todos os critérios elencados para análise das ocorrências, como respostas à questão 192 do QSL- ALiB. Esta constatação categoriza as lexias supracitadas como elementos prototípicos ao se considerarem as designações para o objeto fino de metal que serve para prender o cabelo. A partir disso, é possível fazer a rede radial das lexias registradas para as perguntas em análise, na qual é possível esquematizar os termos utilizados pelos sujeitos participantes da pesquisa desenvolvida pelo Projeto ALiB, visualizando-se as formas prototípicas e periféricas relacionadas aos nomes atribuídos para o objeto fino de metal pelos falantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do léxico no Nordeste brasileiro mostrou que os aspectos extralinguísticos interferem na escolha lexical de cada comunidade linguística. Sendo assim, é possível fazer algumas considerações:

- a) as denominações encontradas para a questão 192 apresentam marcas de uma diversidade lexical na região pesquisada;
- b) as variantes lexicais de maior produtividade foram: *misse*, *grampo*, *presilha*, *birilo* e *friso*.

É válido pontuar que o estudo proposto corrobora a importância dos estudos dialetais, mostrando que é no aspecto social que o léxico se molda pela perspectiva da geolinguística pluridimensional. Nesse sentido, o léxico analisado, quando relacionado à região investigada e a pluralidade de nomes descritos, sugere que existam motivações históricas ou relacionadas ao tipo de povoamento empreendido na região. Portanto, os resultados do estudo têm apontado para a importância de se investigar o léxico com base em dados orais, de cunho geolinguístico.

Além disso, constatamos que as designações *misse* e *grampo* são as mais utilizadas pelos participantes, em todos os critérios elencados para análise das ocorrências, como respostas à questão 192 do QSL- ALiB. Esta constatação categoriza as lexias supracitadas como elemento prototípicos ao se considerarem as designações para o objeto fino de metal que serve para prender o cabelo.

É válido pontuar que este estudo corrobora a importância dos estudos dialetais, mostrando que é no aspecto social que o item lexical se molda pela perspectiva da geolinguística pluridimensional. Nesse sentido, pontuamos que o item lexical analisado, quando relacionado à área dialetal investigada e a pluralidade de nomes descritos, sugere que existam motivações históricas ou relacionadas ao tipo de povoamento empreendido na região, como, por exemplo, portugueses e italianos, conforme abordado nas análises dos dados. Por isso, confirmamos a necessidade de mais investigações futuras das outras regiões brasileiras, no que diz respeito às denominações analisadas dos acessórios usados no cabelo, justamente para identificar elementos que sejam capazes de estabelecer relações com o que foi encontrado nas regiões pesquisadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. D. Histórias sobre as redes de significação do item léxico foda à luz do sociocognitivismo. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. (Org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 13-46.

AULETE, C. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2006.

CARDOSO, S. A. M. Dialetologia. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JÚNIOR, C. **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. p.13-22.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil. Questionários**. Londrina: Editora da UEL, 2001.

COSERIU, E. **Sentidos e Tareas de la Dialectologia**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas – Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LAVER, J. **A Roupas e a Moda: uma história concisa**. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MOTA, J. A. Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos linguísticos. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Documentos 2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 239-266.

NASCIMENTO, C. S. **Grampo e Diadema: um estudo geossociocognitivo com base no corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, XXX.

PAIM, M. M. T. As denominações para rouge, grampo/ramona/misse e diadema/arco/tiara nas capitais brasileiras. In: **I CONGRESSO INTERNACIONAL**

DE FILOLOGIA ROMÂNICA, 2012, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. p. 234-243.

SANTOS, R. Transdisciplinaridade. **Cadernos de Educação**. Instituto Piaget, Lisboa, n. 8, p. 7-9, 23 nov. 1995.

SILVA, A. S. Sistema e variação: quão sistemático pode ser o sistema linguístico num modelo baseado no uso? **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 15-32, jun. 2012.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoría y analisis**. Madrid: Alhambra, 1988.

TELES, A. R. T. F. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.